



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ALIMENTAR NA ESCOLA DO CAMPO: VIVÊNCIA PEDAGÓGICA NA EXTENSÃO

Jefferson Flora Santos de Araújo¹; Elias Alves Filho²; Maria Dapaz Pereira do Patrocínio³

¹Universidade Federal da Paraíba. E-mail: jeffsantosa@gmail.com

²Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: elias_filho90@hotmail.com

³Universidade Federal da Paraíba. E-mail: mdapa13@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões e experiências vivenciadas durante a realização de três oficinas sobre meio ambiente e qualidade de vida, desenvolvidas em uma escola pública municipal na cidade de Bananeiras. O lócus da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nicolau Lucena de Moura, localizada na Zona Rural do município de Bananeiras, Paraíba. O público alvo foram 22 alunos, com faixa etária de 8 a 12 anos, do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Os resultados das oficinas revelaram que os alunos apresentam grande preocupação com a questão ambiental, consideram o assunto muito importante e que alguns fazem ações no cotidiano para solucionar alguns problemas da sua comunidade. Também foi possível perceber que a maioria dos alunos não possui o hábito de consumir peixe na sua alimentação diária. Esse fato acontece pela falta de conhecimento dos seus pais da importância das vitaminas encontradas nesse alimento. Portanto, acreditamos que pequenas ações como essa da extensão constituem-se como pontos de partidas para um mundo melhor e, se a educação cumprir realmente o seu papel, poderá mudar a situação grave do ambiente no nosso planeta.

Palavras-chave: Educação ambiental; Alimentação; Escola do Campo; Relato de experiência.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a questão ambiental tem se tornado uma preocupação global, tendo em vista as consequências que nos atingem no cotidiano. De acordo com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 23), “a questão ambiental – isto é, o conjunto de temáticas relativas não só à proteção de vida no planeta, mas também à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida das comunidades [...]”. Nesse sentido, é importante discutirmos possíveis soluções para tentar amenizar os problemas ambientais. Então, a Educação Ambiental surge como um campo de estudo com o objetivo de “[...] conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais” (BRASIL, 2001, p. 26). Ela pode levar a uma reflexão do nosso comportamento diante o meio ambiente, propondo-nos a viver de forma sustentável, para que possamos estar em harmonia com o meio e, assim, adquirirmos

uma qualidade de vida.

Em relação à qualidade de vida, ganha destaque o tema alimentação, uma vez que a ingestão de alimentos ricos em vitaminas pode contribuir para que o corpo tenha um bom funcionamento, aliando o desenvolvimento de sua capacidade física, emocional e intelectual, a uma vida mais saudável e equilibrada. A valorização da alimentação como elemento fundamental para a saúde traz à tona o consumo de peixe, alimento considerado saudável e responsável por nutrientes fundamentais ao nosso corpo.

Ao divulgar a importância do consumo do peixe, temos que começar a pensar na sua produção, uma vez que a inserção desse produto na alimentação dos brasileiros implica na sua disponibilização para consumo. A produção do peixe também nos remete a cuidados com o meio ambiente e a educação, pois toda atividade aquícola tem impacto sobre o ambiente. A tendência atual de desenvolvimento da aquicultura é a intensificação dos sistemas de produção, especialmente da piscicultura interior em regiões tropicais. Esses sistemas de piscicultura devem se caracterizar por serem intensivos, de baixo impacto, ecologicamente corretos, altamente produtivos, sustentáveis e lucrativos, demandando a adoção de estratégias de produção bem pensadas com projetos responsáveis, de manejo da emissão de efluentes.

Diante dessa realidade, o Projeto “*Desenvolvimento e Socialização de Tecnologias na Produção nos Diversos Elos da Cadeia Produtiva da Aquicultura Familiar em Cidades Pertencentes à Região da Borborema no Estado da Paraíba*” (PROEXT 2012) tem como objetivo geral desenvolver e socializar tecnologias que promovam as boas práticas de produção nos diversos elos da cadeia produtiva da aquicultura familiar em Remígio, Bananeiras, Borborema e Serraria, pertencentes a Região da Borborema no Estado da Paraíba; e, como um dos objetivos específicos, socializar o conhecimento sobre a questão ambiental através de oficinas de leituras com alunos e alunas das escolas públicas, nas quais estudem filhos de aquicultores da região.

Tendo em vista esse objetivo, nesse artigo pretendemos apresentar algumas reflexões e experiências vivenciadas durante a realização de três oficinas sobre meio ambiente e qualidade de vida, desenvolvida em uma escola pública municipal na cidade de Bananeiras.

2 METODOLOGIA

O lócus da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nicolau Lucena de



Moura, localizada no Sítio Lagoa do Matias, zona rural do município de Bananeiras, Paraíba (ver Figura 1). A escolha da instituição se deu porque a mesma está situada na localidade onde se tem a maior produção de aquicultura no município.

Figura 1 – Foto da Escola M. do E.F. Nicolau Lucena de Moura, localizada no município de Bananeiras, Paraíba.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

A referida escola oferece o ensino multisseriado da Educação Infantil às séries iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente, atende 61 alunos, distribuídos da seguinte forma: 21 alunos estão na Educação Infantil e no 1º ano do Ensino Fundamental; 18 alunos estão no 2º e 3º ano do Ensino Fundamental; 22 alunos estão no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. A maioria dos alunos são filhos de piscicultores da região. A estrutura física da escola é composta por três salas de aula, uma diretoria, uma cozinha, dois banheiros e uma dispensa. A estrutura humana da escola é composta por uma gestora escolar, quatro professoras, uma cozinheira e um auxiliar de serviços gerais, perfazendo o total de sete funcionários. Nessa escola o público alvo do projeto foram os 22 alunos com faixa etária de 8 a 12 anos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

Para a realização da proposta foram realizadas três oficinas, com a duração de 2 horas/aula cada. Essas oficinas aconteceram entre os meses de maio e dezembro do ano de 2012.

Procuramos usar recursos didáticos que proporcionassem aos alunos a oportunidade de refletirem sobre a questão ambiental, incentivando o cuidado com o meio ambiente, e levando-os a pensar e a discutir sobre a importância de uma alimentação saudável. Dessa forma, os procedimentos metodológicos das oficinas consistiram em leituras de gibis, exibição e análise de imagens, rodas de conversas, apresentação de peça teatral, atividades escritas e orais, jogos e dinâmicas.



Nesse projeto optamos pelo desenvolvimento de oficinas por compreendermos que elas ajudam a maior integração e participação do grupo e, ao mesmo tempo, proporcionam a vivência de temas estudados, visando o envolvimento de todos em torno de um conteúdo. As oficinas tinham como objetivos: a) proporcionar vivências sobre a questão ambiental; b) promover a reflexão do grupo sobre aspectos ambientais que tenham relação com a realidade; c) discutir a alimentação dos alunos na escola e na família; d) aprofundar conceitos estudados concernentes à importância dos alimentos; e) refletir sobre práticas do dia a dia que podem otimizar os cuidados com o ambiente; f) vivenciar atividades utilizando variadas linguagens (a escrita, o desenho, a dobradura, o teatro, a brincadeira, as adivinhas etc) e diferentes procedimentos para o envolvimento dos alunos.

A oficina quando desenvolvida de forma dialogada com alunos e professores através de práticas contextualizadas pode se tornar um dispositivo importante para envolver os discentes com os temas e discussões de determinado conteúdo. Na oficina o aluno é convidado a interagir, refletir e participar, trazendo sua experiência e construindo com o grupo novas aprendizagens.

De acordo com Zabala (1998, p. 90) essa experiência de contribuição individual é importante para o coletivo porque “cada pessoa, no processo de aproximação dos objetos de cultura, utiliza sua experiência e os instrumentos que lhe permitem construir uma interpretação pessoal e subjetiva”. Nessa perspectiva, podemos inferir que, embora estejamos no coletivo, cada aluno/a que participa da oficina percebe, constrói o conhecimento de forma muito particular devido à sua história de vida e ao ambiente familiar. Essas diferentes formas de perceber o mundo, quando socializadas no grupo, ampliam as experiências coletivas e individuais.

Um aspecto importante e que sobressai quando falamos em oficina é o planejamento. Não podemos deixar de mencionar a sua necessidade e real colaboração para subsidiar as ações pedagógicas desenvolvidas nas escolas. O planejamento realizado semanalmente com os participantes consistiu em instrumento fundamental para assegurar a qualidade das ações e momento relevante para a reflexão sobre cada etapa da oficina, para construção e socialização dos materiais a serem utilizados, para compartilhamento de experiências, exposição das dificuldades encontradas na instituição, para socialização das percepções das turmas, bem como para a discussão dos aspectos teóricos envolvidos em cada tema abordado etc. Além

disso, o planejamento era precedido de tarefas que cada participante deveria realizar para que os encontros fossem produtivos e pudessem alcançar os objetivos e para que o cronograma de visita as escolas pudesse ser cumprido.

3 SOCIALIZANDO AS EXPERIÊNCIAS DAS OFICINAS

Os nossos primeiros contatos com a instituição e as turmas tiveram como objetivo conhecer a escola, apresentar o Projeto, apresentar a equipe responsável pelo desenvolvimento da proposta e organizar, junto ao professor e gestor, o cronograma para as visitas na escola. Nessa primeira visita também foi aplicado um questionário à gestora e à professora da turma, que tinha como objetivo conhecer um pouco as realidades das escolas, bem como a dos seus sujeitos.

Com os resultados obtidos nessas visitas, pudemos perceber que poucos alunos apresentavam conhecimentos sobre o tema piscicultura, embora essa fosse a principal atividade na região em que vivem. Os pais de alguns alunos trabalham com essa atividade e numa delas é possível ver um viveiro logo a sua frente. Com isso, vimos à necessidade de adentrarmos no assunto, tendo em vista o alcance dos objetivos propostos.

A seguir, socializaremos as experiências vivenciadas durante o desenvolvimento das oficinas. Para melhor sistematizá-las, organizamos os relatos em três partes. Cada parte é título da oficina realizada.

1ª Oficina – (Re)conhecendo o meio ambiente

Para o desenvolvimento da nossa primeira oficina, planejamos atividades que levassem os alunos a refletirem sobre os seus comportamentos levando-os a pensarem se eles estavam contribuindo para a solução de problemas ambientais, pois “[...] o componente reflexivo da educação ambiental é tão importante quanto o “ativo” ou o “comportamental” (REIGOTA, 2004, p. 10)”. Sendo assim, iniciamos com a dinâmica “Refletindo sobre a biodiversidade”, ao som da música “Xote ecológico” de Luiz de Gonzaga (ver Figura 2).



Figura 2 – Dinâmica “Refletindo sobre a biodiversidade”.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

Essa dinâmica tinha como objetivo promover a reflexão sobre a problemática da conservação de áreas naturais, trazendo, ao mesmo tempo, a discussão sobre a percepção da responsabilidade de cada um nessa tarefa, estimulando também a importância do trabalho cooperativo na escola. A dinâmica se procedeu da seguinte forma: 1º- Foram distribuídas duas bexigas para cada participante; 2º- Solicitamos que enchessem as bexigas; 3º- Pedimos para que cada pessoa escolhesse dois elementos da biodiversidade (árvore, flor, abelha, cachorro-do-mato, lobo-guará, etc.) e escrevesse um nome em cada bexiga; 4º- Solicitamos 2 voluntários para que atuassem como “vilões” e 3 pessoas para serem os “guardiões da biodiversidade”. A função dos “vilões” era tentar estourar as bexigas, munidos com alfinetes, enquanto os “guardiões da biodiversidade” deviam tentar defendê-las dos ataques dos “vilões”. As estratégias de defesa foram acordadas previamente com o grupo. Não eram válidos empurrões ou qualquer tipo de atitude agressiva. A defesa deveria ser realizada pela obstrução da passagem do “vilão”. Os demais participantes teriam como tarefa jogar as bexigas (ou os elementos da biodiversidade) para o ar, sem deixar que caíssem no chão. Os “vilões” poderiam estourar tanto as bexigas que estivessem no ar, sendo equilibradas pelos/as participantes, como as que estivessem caídas no chão. Os únicos que podiam recolocar as bexigas no jogo depois que estivessem caídas no chão eram os “guardiões da biodiversidade”.

Ao final, fizemos o levantamento do número de bexigas que foram estouradas, comparando com o número de bexigas conservadas.

Ao término da dinâmica, promovemos uma reflexão direcionada à importância e ao papel da sociedade e de cada um na conservação da biodiversidade. É fácil cuidar da natureza? Quem são os “vilões”? Quem são os “guardiões da biodiversidade”? Somente os “guardiões” têm a responsabilidade de zelar pela natureza? Discutimos também sobre as



causas da degradação da biodiversidade, atitudes e comportamentos que cada pessoa pode ter para tentar minimizar esses impactos ambientais. Nesse momento, os alunos estavam tímidos, não queriam falar, mas aos poucos conseguiram expressar os sentimentos que a dinâmica os fez sentir.

Logo após, entregamos para os alunos folhas de papel ofício e lápis de pintar. Pedimos que eles representassem através de desenhos a sua percepção de como percebem o meio ambiente (ver Figura 3). Optamos por essa atividade porque, através dos desenhos, as crianças podem expressar a sua visão de mundo, seus sentimentos e as dimensões concretas e imaginárias de como percebem o lugar onde vivem de forma crítica.

Figura 3 – Alunos representando o meio ambiente através de desenhos.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

Quando terminaram o desenho, sugerimos uma roda de conversa para analisarmos a percepção de cada aluno sobre o meio ambiente (ver Figura 4).

Figura 4 – Roda de conversa.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

A partir da percepção de cada aluno, foi possível compreender como eles veem,



sentem, agem, pensam e entendem as relações sociais no lugar onde vivem. Ao refletirmos sobre os depoimentos e desenhos feitos pelos alunos, percebemos que eles têm uma concepção de meio ambiente como “natureza que devemos apreciar e respeitar”. Segundo Sato (2001), para esse tipo de representação social devemos renovar os laços com a natureza, tornando-nos parte dela e desenvolvendo uma sensibilidade para o pertencimento. A afirmação da autora também nos fez refletir sobre como renovar nossa abordagem com os alunos e alunas para que pudessem propor práticas que favorecessem sua maior integração com o tema.

Por fim, concluímos essa oficina com os discentes relatando algumas histórias e/ou experiências de proteção ao meio ambiente. As impressões sobre o desenvolvimento da oficina foram boas, tendo em vista que alcançamos os objetivos propostos. Os alunos mostraram interesse pela temática discutida e também, em todos os momentos, participaram das atividades e discussões. Ressaltamos que alguns alunos se destacaram por apresentar um senso crítico bastante avançado para a sua faixa etária.

2ª Oficina – Qualidade de vida e consumo de peixe

Iniciamos essa oficina com a encenação de uma história de pescador, na qual três crianças dialogavam sobre os problemas causados pela poluição de um rio, bem como a malefícios da pesca predatória (ver Figura 5).

Figura 5 – Encenação de uma história de pescador.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

Essa atividade foi realizada na área externa da escola, a partir de objetos simples levados por nós, como: vara de pescar, sacola de plástico azul, lenço, chapéu, peixes feitos de



dobraduras de papel, bota e garrafas de plástico. Esse momento, além de muito educativo - pois abordamos um assunto importante sobre o meio ambiente, a poluição dos rios -, também proporcionou a diversão e o relaxamento da turma, uma vez que constituiu de uma atividade artística muito prazerosa.

Aproveitando o tema proposto na história, introduzimos a importância do cuidado que devemos ter com os alimentos, incentivando-os a valorizarem a produção de peixes para consumo. Aproveitamos a ocasião para falar do ciclo de vida do peixe, o cuidado com a pesca predatória e fora dos períodos permitidos. O uso de instrumentos e objetos para pescar também foi discutido, pois a utilização de alguns materiais são proibidos por prejudicarem o desenvolvimento de algumas espécies. Além disso, mostramos a necessidade que o nosso corpo tem das vitaminas e nutrientes que encontramos no peixe. Conforme apontam os estudos de Rinco e Botelho (2008), o peixe, que também é conhecido como carne branca, é um alimento rico em proteínas, vitaminas, nutrientes e sais minerais, tais como: ferro, iodo, magnésio, cálcio, sódio, fósforo etc., e em vitaminas A, E, D, B2, B3, B12 e ácido fólico. Além disso, ainda encontramos o Ômega-3, que é a gordura do peixe insaturada, saudável para o organismo e que ajuda no bom funcionamento do nosso corpo. Durante a exposição dialogada e pela fala dos alunos, pudemos perceber que, embora compreendessem os benefícios do consumo do peixe, a minoria consumia tal alimento em sua dieta.

Para encerrar a oficina, propusemos que os alunos confeccionassem dobraduras, realizassem uma pintura e expressassem artisticamente o que compreenderam da discussão (ver Figura 6). Ao orientar o passo a passo da dobradura, observamos que alguns alunos conseguiam realizar a atividade rapidamente, enquanto outros apresentavam maior dificuldade. Nesse momento pedimos aos alunos que tinham concluído a atividade que ajudassem os colegas, para que houvesse a integração de todos na proposta.

Figura 6 – Confeção de dobraduras.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

As impressões sobre o desenvolvimento da oficina foram boas, tendo em vista que os alunos participaram e dialogaram com nós (autores da encenação) no momento da história de pescador. Eles gostaram muito dessa atividade, pois relataram que nunca tinham vivenciado esses momentos na Escola. Percebemos também que, embora os seus pais fossem produtores de peixes, a minoria consumia tal alimentação no cotidiano.

3ª Oficina – Meio ambiente e qualidade de vida: conhecendo a realidade

Para essa oficina, tínhamos como objetivo levar os alunos para visitar os tanques de produção de peixes. Como as escolas ficam próximas a muitos tanques, juntamente com as gestoras das escolas planejamos a visita a um deles. Para realizar essa atividade visitamos a residência do proprietário dos tanques, explicamos o objetivo da visita e combinamos a nossa ida com a turma. Como os tanques ficavam perto da escola, decidimos ir caminhando até eles. Chegando lá, uma profissional especializada na área conversou com os alunos sobre as etapas e os cuidados com a produção de peixes, bem como sobre a importância da inserção desse alimento na dieta (ver Figura 7).

Figura 7 – Visita aos tanques de produção de peixes.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

No momento da visita pudemos acompanhar o processo de alimentação dos peixes e observar como eles buscam o alimento na superfície da água. Essa atividade estava sendo realizada por um funcionário e aproveitamos para indagar sobre os horários, os cuidados e o tipo de alimento que é fornecido aos peixes.

Ao voltarmos para a escola, realizamos uma atividade lúdica que tinha a finalidade de avaliar o conhecimento adquirido pelos alunos durante as oficinas realizadas. Essa atividade constou de uma gincana, sendo a turma dividida em 4



grupos. Elaboramos perguntas para a turma e as respostas eram imagens que estavam distribuídas na área externa da escola, em sua vegetação. À medida que eram feitas as perguntas, os grupos saíam da sala para procurar as respostas para cada uma (ver Figura 8).

Figura 8 – Realização da gincana.



Fonte: Foto de Jefferson Flora Santos de Araújo (2012).

As questões postas para a turma visavam revisitar as discussões realizadas pela turma desde a primeira oficina e, ao mesmo tempo, explorar o ambiente externo da escola, com árvores, pedras e o quintal que, muitas vezes, é pouco explorado pelas crianças. O fato de tirar as crianças da sala de aula e propor uma atividade de caça ao tesouro motivou os alunos a buscarem as figuras escondidas que ajudavam a responder à pergunta feita anteriormente na sala de aula para todos os alunos.

Por último, levamos e entregamos para cada criança uma muda de planta frutífera e ornamental. As mudas foram fornecidas gentilmente, pelo Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias – CCHSA para cada aluno da turma e uma para escola. Essa entrega aconteceu depois que discutimos a importância das árvores para o meio ambiente, bem como os devidos cuidados que devemos ter com ela. Como forma de registrar a nossa passagem pelas escolas e o incentivo de as escolas serem um espaço “mais verde”, plantamos um muda de planta frutífera em cada instituição.

Por fim, encerramos essa oficina, gravando áudios dos alunos falando o que acharam das oficinas, os pontos positivos e negativos. Nesse momento, os alunos elogiaram muito o nosso trabalho, relataram que aprenderam muito com as propostas realizadas e ainda pediram que nós voltássemos mais vezes nas escolas.

As impressões sobre o desenvolvimento da oficina foram ótimas, tendo em vista que alcançamos os objetivos propostos. As atividades que realizamos foram bastante prazerosas e



ainda nos proporcionaram o contato mais próximo com a natureza. Incentivamos o cuidado que temos que ter com as árvores, bem como a sua importância no nosso dia a dia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar e vivenciar as atividades do Projeto "Desenvolvimento e socialização de tecnologias na produção nos diversos elos da cadeia produtiva da aquicultura familiar em cidades pertencentes à região da Borborema no Estado da Paraíba" foi de grande importância para a nossa vida acadêmica e pessoal. Foi um aprendizado enorme. Podemos falar que a missão foi cumprida e que plantamos sementes que irão dar bons frutos futuramente. Contribuímos para a formação de cidadãos críticos, autônomos e responsáveis com o ambiente onde vivemos.

Os resultados dessas oficinas nos revelaram que os alunos apresentam grande preocupação com a questão ambiental, consideram o assunto muito importante e que alguns fazem ações no cotidiano para solucionar alguns problemas da sua comunidade. Também foi possível perceber que a maioria dos alunos não possui o hábito de consumir peixe na sua alimentação diária. Esse fato acontece pela falta de conhecimento dos seus pais da importância das vitaminas encontradas nesse alimento.

Portanto, acreditamos que pequenas ações como essa da extensão constituem-se como pontos de partidas para um mundo melhor e, se a educação cumprir realmente o seu papel, poderá mudar a situação grave do ambiente no nosso planeta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** meio ambiente e saúde. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

RINCO, Natália Bravim.; BOTELHO, Raquel. **O uso da tilápia em uma alimentação saudável.** 2008. 60f. Monografia (Especialização em Gastronomia e Saúde) – Universidade de Brasília.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. **Educação Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 24-35, 2001.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.